

**SEMEADURA** Estudo da UFRJ revela que, graças ao trabalho de dispersão de sementes dos tucanos (foto), a Floresta da Tijuca revigora espécies nativas. **Páginas 10 e 11**



JORNAL DA

# AdUFRJ

1391 • 15 de maio de 2026 • [www.adufrj.org.br](http://www.adufrj.org.br) • TV ADUFRJ: [youtube.com/adufrj](https://youtube.com/adufrj)

FERNANDO SOUZA



**SEGURANÇA**

Por unanimidade, o Consuni aprovou protocolo para lidar com situações de violência urbana e risco à comunidade da UFRJ, após dois anos de debates

**Página 3**

**ARTIGO DE JOSUÉ MEDEIROS ANALISA IMPACTOS DO ELO ENTRE FLÁVIO BOLSONARO E VORCARO. P.16**

FERNANDO SOUZA



# O CAP É CAPA

A Universidade Federal do Rio de Janeiro forma alunos da educação infantil ao doutorado, mas muita gente não conhece o cotidiano dos caculus da UFRJ. Ao todo, 659 crianças e adolescentes estudam no Colégio de Aplicação, unidade com uma história quase centenária, e um papel pedagógico gigantesco, tanto na educação básica quanto na formação de milhares de estudantes de licenciatura. Instalado em um prédio que há décadas amarga o rótulo de provisório, o CAP tem 102 docentes efetivos e 77 substitutos. Juntos, professores, alunos e técnicos sofrem com instalações precárias, ausência de refeitório, quadra descoberta e uma sensação de invisibilidade perante o dia a dia da universidade. Para entender esse complexo mosaico de problemas e aspirações, a diretoria da AdUFRJ escolheu o CAP como cenário de sua segunda visita às unidades acadêmicas. Durante duas horas, os sete diretores da AdUFRJ ouviram a agonia e os projetos dos colegas. “O CAP precisa ser visto com mais atenção e isso é urgente”, resume Michel Gherman, diretor da UFRJ.

**Páginas 4 e 5**

# Ações judiciais da AdUFRJ beneficiam 152 professores

> Grupo recebeu em abril, com correção, os valores referentes a reajuste atrasado do início do Plano Real. Mais de 850 docentes já foram contemplados nos processos dos 3,17% desde 2024

KELVIN MELO  
kelvini@adufrrj.org.br

A professora M.\*, do Instituto de Física, recebeu uma ótima notícia ao abrir o e-mail pessoal na semana re-

trasada. Entre as mensagens usuais do trabalho e as propagandas de sempre, descobriu que o governo havia liberado seu pagamento de ação dos 3,17%, movida pela AdUFRJ. O percentual é resultado de um reajuste ignorado pelo governo Fernando Henrique Cardoso logo no início do Plano Real (leia mais no quadro). Agora, a docente faz parte de um grupo de 858 colegas já beneficiados nestes processos, 152 somente em abril último.

“Foi uma grata surpresa. Não tenho nenhum plano especial para o dinheiro. Coloquei na poupança”, disse. “Quando velhos, ficamos preocupados com o dia de amanhã. Os seguros de saúde estão muito ruins, muito caros”, completou.

Não foi a primeira vez que a docente ganhou uma quantia graças a uma ação judicial do sindicato. “Na época da hiperinflação, décadas de 1980 e 90, a gente era garfado o tempo todo. Tinha ação judicial que a gente ganhava, que a gente perdia. Há uns dois anos, recebi um dinheiro que nem sei de qual ação da AdUFRJ saiu”, brincou.

O marido e o irmão, professores da UFRJ, também já receberam os valores relativos aos 3,17%. “Tenho um irmão professor que sofreu um AVC e entrei com o pedido dele. Ele recebeu no final do ano passado. Só posso fazer altos elogios aos advogados. O atendimento é muito bom”, afirmou.

A professora fica atenta ao meio de comunicação do sindicato para não perder nenhuma oportunidade como essa. “Sou fundadora da AdUFRJ, frequento muito a AD (associação docente) e leio sempre o jornal. Assim que saiu a ação, eu fiquei sabendo. E avisei outros colegas”, contou.

A professora só apresenta uma preocupação: as seguidas tentativas de golpes de falsos advogados. “Dois professores conhecidos levaram um trombeque neste processo. Meu professor orientador sofreu um prejuízo de R\$ 3 mil. Eles conseguem nossos telefones, nossos dados, usam a foto dos advogados da

## ADUFRJ E OS 3,17%

Ações protocoladas: **1.870**

Quantos professores receberam: **858**

• 2024: **57**

• 2025: **497**

• 2026: **304**

Em andamento: **1.012**

## ORIGEM DOS 3,17%

Em 1994, uma lei estabeleceu que todo o funcionalismo deveria receber reajuste, a partir do início de 1995, de acordo com dois parâmetros: o primeiro seria o Índice de Preços ao Consumidor em Real, calculado entre julho e dezembro daquele mesmo ano.

O segundo critério previa que, caso o valor pago a título de remuneração no mês de dezembro de 1994 fosse menor do que a média dos valores pagos durante todo o ano — o cálculo levava em conta uma conversão para a extinta Unidade Real de Valor (URV) —, o reajuste também deveria ser composto por essa diferença.

Entretanto, o governo federal não aplicou o segundo parâmetro, que resultava justamente nos 3,17%.

As ações atuais cobram o percentual não aplicado entre janeiro de 1995 e dezembro de 2001 — ou parte do período, dependendo do tempo de ingresso do professor na universidade.

AdUFRJ. Isso é uma preocupação enorme”, relatou.

Um recibo compartilhado pelo professor S.\*, do Museu Nacional, que também recebeu o ganho judicial em abril. “Achei o atendimento jurídico muito bom. Nesse processo todo, o que incomodou foram as diversas tentativas de golpe. Algumas vezes, tive que verificar junto à AdUFRJ”, contou.

“Sabia que o dinheiro viria, mas não tinha planos específicos para uso. Por enquanto, pretendo manter investido”, completou.



ARTE: HIPPERT

## MIL PROCESSOS AGUARDAM DESFECHO

Assessor jurídico da AdUFRJ, o advogado Renan Teixeira informa que 152 processos de 3,17% foram pagos em abril deste ano. Destes, 138 foram precatórios. O restante é fruto de Requisições de Pequeno Valor. “As RPV são processos com pagamentos abaixo de 60 salários mínimos e são liberados mais rapidamente: em até 60 dias da ordem do juiz”, explica.

Já os precatórios, com o pagamento de valores superiores a 60 salários mínimos, dependem de liberação do orçamento por parte do governo e da data em que houve a ordem do juiz. “Precatórios inscritos até 1 de abril de 2024 foram pagos em 2025”, exemplifica Renan. “E desde a inscrição do precatório até a data do pagamento, existe correção monetária”.

Por conta de prazos legais, não é mais possível ingressar com novas ações dos 3,17%, mas ainda há 1.012 processos em andamento na Justiça, aguardando um desfecho.

O advogado da AdUFRJ informa, no entanto, que não dá para

prever quando eles serão pagos. “Os processos são distribuídos pelas mais de 30 Varas Federais do estado. Cada uma com carga e ritmo de trabalho diferentes”.

Renan orienta que os professores devem desconfiar de qualquer pedido de taxas para liberação de valores relativos aos processos. “Os valores de processos judiciais são depositados em conta judicial no nome do autor da ação, da qual somente ele poderá sacá-los diretamente na instituição bancária”, explica. “Ao receber contatos exigindo pagamento de quantias para liberação de valores, entre em contato direto com os canais oficiais da AdUFRJ, a fim de averiguar a situação”.

O diretor da AdUFRJ, professor Pedro Lagerblad, considera a assessoria jurídica fundamental para a defesa dos direitos docentes, em temas como a ação dos 3,17%. “Os contracheques, com um monte de linhas que nem sempre têm um significado claro para nós, representam uma vulnerabilidade do ponto de vista dos nossos direitos. São valores que nem sempre se re-

petem e erros de cálculo, muitas

vezes, passam despercebidos”, afirma. “A vigilância jurídica é um elemento importante neste sentido. A dinamização do serviço nos últimos anos contribuiu para ampliar a presença do sindicato junto aos professores”, completa Pedro.

“São vários processos e esses dos 3,17% foi, talvez, o que mais capilarizou no conjunto dos docentes, com valores que fazem a diferença na rotina. E isso nos dá também uma indicação do tamanho das perdas que sofremos ao longo do tempo”, diz o diretor.

Além dos 3,17%, a assessoria jurídica aborda temas como licença-prêmio, abono permanência, pagamentos de exercícios anteriores, entre muitas outras ações coletivas. Para se informar, o interessado deve marcar um horário no plantão docentes, em temas como a ação dos 3,17%. “Os contracheques, com um monte de linhas que nem sempre têm um significado claro para nós, representam uma vulnerabilidade do ponto de vista dos nossos direitos. São valores que nem sempre se re-

\*Os professores não foram identificados para não favorecer a ação de golpistas

# PROTOCOLO DE SEGURANÇA UNE COMUNIDADE DA UFRJ

> Conselho Universitário aprovou documento que regulamenta funcionamento da UFRJ em situações de violência urbana e risco à comunidade acadêmica. Medida institui gabinete de crise

KELVIN MELO  
kelvini@adufrrj.org.br

Em 30 de outubro de 2023, a UFRJ instalou seu primeiro grupo de trabalho para avaliar o impacto da violência urbana nas atividades acadêmicas. No último dia 14, após mais de dois anos de acalorados debates, o Consuni aprovou a resolução do plano de segurança da universidade. Por unanimidade.

O documento regulamenta como a instituição deve responder, com agilidade, a situações que ofereçam risco à vida dos integrantes da comunidade acadêmica.

Dezenas de alunos acompanharam a sessão e festejaram o resultado da votação, após três horas de discussões. “Temos gente aqui que é da Maré, do Chapadão, da Baixada Fluminense, do Morro do Alemão etc. Esse protocolo visa a proteger essas vidas”, afirmou a conselheira estudantil Arthura Rocha, durante a reunião.

A administração central também celebrou o resultado. “Foi uma sessão histórica. Essa é a universidade que queremos: viva, com debate franco e fraterno para buscar o consenso em prol de todos”, afirmou o reitor, professor Roberto Medronho.

## FALTAS

A redação final da resolução só saiu depois de intensa articulação entre os conselheiros. Um dos principais “gargalos” do texto era como tratar as ausências de servidores e alunos no trabalho ou nas atividades acadêmicas durante os episódios de violência urbana. Ficou decidido que não haverá qualquer abono de faltas.

“Quando for deliberado que há suspensão das atividades, não pode dar falta. Mas não existe abono de falta. A aula que não existiu tem que ser reposta. Se o funcionário não veio, ele tem que repor o trabalho de alguma forma”, afirmou o professor Celio Albano da Costa Neto, relator do processo pela Comissão de Legislação e Normas do Consuni. No entanto, explicou o docente, ainda caberá às pró-reitorias de Graduação e Pós-graduação regulamentar a reposição das atividades acadêmicas.

Já nos episódios em que servidores e alunos não puderem comparecer às atividades da universidade em função de com-



FERNANDO SOUZA

prometimento das condições de segurança perto de suas residências ou no percurso, poderá ser apresentada justificativa simplificada, “sendo vedada a exigência probatória excessiva incompatível com a natureza emergencial da situação”, diz o trecho votado em plenário.

O professor Carlos Frederico Leão Rocha, representante dos Titulares do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) no conselho, argumentou que, em caso de suspensão de aulas, não faz sentido o abono de faltas. “Se não há aulas, não há o que abonar”, argumentou o docente. “Aos discentes deverá ser assegurado o direito à segunda chamada de avaliações, mediante justificativa adequada. E reposição das atividades acadêmicas, quando cabível, para o cumprimento dos 75% de presença”, completou.

## GABINETE DE CRISE

Quando houver episódio de risco à segurança, será formado um gabinete de crise. O gabinete será formado por dois núcleos. O executivo, responsável pela tomada de decisões e comunicação rápida à comunidade acadêmica, será constituído por representantes da reitoria, das pró-reitorias de graduação, de pós-graduação e de pessoal, da prefeitura universitária e da superintendência geral de comunicação. Já o núcleo consultivo terá representantes do Colégio de Aplicação, dos estudantes de graduação e pós, dos docentes e



Foi uma sessão histórica. Essa é a universidade que queremos: viva, com debate franco e fraterno

ROBERTO MEDRONHO  
Reitor da UFRJ

## COMO VAI FUNCIONAR?

■ O sistema de alerta começa com uma avaliação técnica das informações disponíveis (por exemplo, de uma operação policial em andamento nas proximidades de um campus) pela Coordenação de Segurança da Prefeitura Universitária, nas primeiras horas do dia. A Superintendência-Geral de Comunicação Social (SGCOM) irá disparar informes sobre o nível de risco em cada localidade. O monitoramento será contínuo e este status pode ser alterado a qualquer momento.

■ Os informes serão caracterizados por quatro cores que identificam o nível de risco de cada momento: do azul (normalidade) até o vermelho (emergencial, que levaria à suspensão das atividades, entre outras medidas)

■ Se o nível de ameaça chegar ao cartão amarelo, quando há um alerta imediato sobre uma situação de risco elevado, será acionado o chamado “gabinete de crise”. O grupo pode decidir sobre suspensão preventiva de atividades.

## MOÇÃO REPUDIA POLÍTICA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO

Na mesma sessão em que aprovaram as medidas internas para responder às situações de violência urbana, os conselheiros votaram uma moção de repúdio à política de segurança pública do estado.

No documento, proposto pela Associação de Pós-graduandos e dirigido ao governador interino do Rio, o conselho cobra a imediata revisão da estratégia de segurança pública estadual, adoção de protocolos específicos de proteção à rotina escolar e universitária e diálogo com a comunidade científica para construir uma política “que não penalize a população mais vulnerável nem transforme o território universitário em zona de risco permanente”.

dos técnicos. Especialistas em segurança também poderão ser convidados.

O Conselho Universitário também aprovou que a resolução deverá ser revista daqui a doze meses. Casos omissos serão resolvidos pelo gabinete de crise.

# 'O CAP PRECISA SER VISTO'

#OrgulhoDeSerUFRJ

> Diretoria da AdUFRJ se reúne com colegas do Colégio de Aplicação em segunda visita às unidades acadêmicas. Demandas dos docentes do EBTT serão levadas à reitoria

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

Invisibilidade é a palavra que pode resumir o sentimento de professoras e professores do Colégio de Aplicação que se reuniram com a diretoria da AdUFRJ para debater pautas ligadas às condições de trabalho, carreira e direitos. A precarização do dia a dia do trabalho, a ausência de espaço físico adequado para comportar alunos da educação infantil ao ensino médio, a falta de docentes efetivos e a lentidão na reposição de quadros foram alguns dos temas tratados no encontro. Foi a segunda visita de uma agenda de encontros da AdUFRJ nas unidades acadêmicas, aprovada no Conselho de Representantes. A reunião ocorreu no dia 27 de abril.

“Estamos nessa tarefa de conversar com os professores em suas unidades sobre suas condições de trabalho, sobre seus projetos, possibilidades de extensão, de pesquisa. Queremos falar, sobretudo de futuro, de sonhos”, afirmou a presidenta Lígia Bahia, durante o encontro com os professores do ensino básico.

Um dos temas mais urgentes é a infraestrutura da escola, que abriga na sede Lagoa o ensino básico e cerca de 400 alunos das licenciaturas que realizam estágios no CAP. “O espaço do colégio é muito insuficiente para as nossas demandas”, resumiu o professor Fábio Garcez de Carvalho, do Setor de História. “Hoje, com a Educação Infantil e a Educação Especial, nossas necessidades aumentaram muito. Nem sei dimensionar”, desabafou o professor.

Como parte da solução para o problema do espaço físico, o segmento da Educação Infantil voltará ao Fundão. Primeiro, será transferido provisoriamente para o ex-Clube dos Empregados da Petrobras, do CEPE. O espaço possui salas já prontas e adequadas às crianças pequenas e permitirá que o colégio convoque os candidatos sorteados no último concurso para



FOTOS: FERNANDO SOUZA

ocupar as vagas do Infantil 4 e Infantil 3. Hoje, a escola atende apenas o Infantil 5. A mudança é provisória porque a sede definitiva da Educação Infantil será na BioRio. As obras estão atrasadas, mas com previsão de serem concluídas no final de junho.

“As obras tiveram atrasos em relação à previsão inicial, por isso vamos realizar essa mudança temporária, até que as instalações definitivas estejam prontas”, explicou a diretora do colégio, professora Cassandra Pontes, à reportagem. “O espaço do clube precisava de poucas adaptações, como a colocação de um gradil para isolar a área das piscinas e a instalação de duchas nas salas, junto às pias”, contou a diretora. “A transferência para este espaço nos permitirá manter os nossos estudantes do Infantil 5 em tempo integral e convocar os sorteados para o Infantil 4 em tempo integral e Infantil 3

em tempo parcial”, revelou.

O início das aulas no espaço provisório depende de uma reunião entre a reitoria, o CAP e o Escritório Técnico da Universidade (ETU), prevista para o dia 20 de maio. “Só após essa reunião teremos a data de início das aulas e outras informações sobre o andamento das obras da sede definitiva”, contou Cassandra.

Ainda no campo da infraestrutura, a quadra do colégio é um problema histórico. “Nossa quadra segue sem cobertura há anos. As crianças realizam atividades no sol, numa cidade quente como o Rio de Janeiro”, criticou o professor Leonardo Dangelo, do Setor de Química. “A reforma elétrica é uma novela. O ar-condicionado (da sala dos professores) ficou parado por quatro anos”, reclamou.

O colégio recebeu uma emenda parlamentar do deputado federal Chico Alencar no valor de R\$ 3 milhões para

custear obras na escola. A UFRJ também disponibilizará à unidade parte de uma emenda de bancada, no valor de R\$ 700 mil. “Com esses valores conseguiremos fazer as obras na quadra e também na rede elétrica do colégio, o que vai nos dar mais segurança e reduzir os danos com equipamentos”, afirmou a diretora do colégio. “Aguardamos que o ETU conclua os projetos. Não queremos correr o risco de perder essas emendas”.

O diretor do ETU, professor Wagner Nahas Ribeiro, confirmou a entrega da obra na BioRio para o dia 28 de junho. “Após a conclusão, ainda há a etapa de transferência de mobiliário e organização do espaço para receber as crianças, além da chegada de novos professores”, sublinhou o docente.

Ribeiro também confirmou a execução do projeto elétrico e da reforma da quadra. “O terreno da quadra é muito ruim,



#OrgulhoDeSerUFRJ

## CAP EM NÚMEROS

102 docentes efetivos EBTT

77 docentes substitutos

63 técnicos-administrativos em educação

659 estudantes da educação básica

302 estudantes de cursos de licenciatura

há um problema de engenharia ali e isso fez a empresa anterior abandonar a obra de cobertura da quadra. Estamos atuando em parceria com a Escola Politécnica para dar uma solução para aquele solo, para que a próxima empresa contratada realize a obra com base nos nossos apontamentos técnicos. Não quero que chegue outra empresa e abandone o projeto de novo”, justificou o diretor do ETU.

## VAGAS DOCENTES

“Trabalho no CAP há sete anos. Sou professora da turma 11B, que está sem professor de matemática desde fevereiro”, desabafou a professora Alessandra Nascimento, do Setor Curricular Multidisciplinar. “Estamos fechando as avaliações do primeiro trimestre agora em maio e, até agora, eles não têm professor de Matemática”, disse. “Essa é uma questão que afeta muito as nossas condições de trabalho. Sequer temos o direito de ficar doentes”, disse a professora, durante a reunião com a diretoria. Ela concedeu um depoimento exclusivo ao Jornal da AdUFRJ. Veja ao lado.

O CAP possui 102 vagas efetivas e todos os anos são pedidas cerca de 70 vagas de professores substitutos – que não são atendidas na integralidade. Há professores adoecidos, outros em licença para qualificação, mas as razões para a alta demanda são diversas. “A demanda por professores substitutos é enorme e não diz respeito apenas a licenças ou questões de saúde. O CAP expandiu, incluiu a Educação Infantil e não houve acréscimo de vagas efetivas para dar conta dessa nova realidade da expansão”, explicou a professora Renata Flores, do Setor Multidisciplinar.

No primeiro segmento do Ensino Fundamental, que vai do primeiro ao quinto ano, o colégio trabalha com dois professores regentes: um para matérias de Português, História e Geografia, outro para as disciplinas de Matemática e Ciências. Além deles, há as disciplinas de Artes, Educação Física e Língua Estrangeira. A falta de professores é uma constante, pela dificuldade de compor os tempos de todas as disciplinas.

No caso da Educação Infantil, as crianças pequenas precisam de mais professores e auxiliares em sala. Quanto menores os alunos, maiores as necessidades de

profissionais capacitados. O Infantil 2, por exemplo, não poderá iniciar as aulas no espaço provisório do ex-CEPE junto com as demais turmas do segmento, porque ainda faltam professores substitutos. “Muitos dos professores aprovados na nossa última seleção já estavam indisponíveis quando foram contatados para assumir as vagas. Então, abrimos uma nova seleção. O Infantil 2 só será convocado depois que terminar esse novo processo”, explicou a diretora Cassandra Pontes. O prazo para a inscrição dos candidatos termina no dia 22 de maio.

## PONTO ELETRÔNICO

Outro problema que afeta o dia a dia de trabalho e traz incertezas aos professores é a cobrança de ponto. Pela lei, os professores do Magistério Superior são liberados do controle de ponto, mas os professores do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) são submetidos ao controle. O assunto foi tema da greve federal de 2024 e do acordo de greve naquele mesmo ano, mas não houve atualização da instrução normativa até o momento. O Ministério Público Federal propôs ação civil que obriga a UFRJ a controlar o ponto dos professores do CAP, mas a universidade conseguiu postergar a aplicação da medida. “Um esforço nosso e da PR-4”, frisou a professora Renata Flores.

A diretoria da AdUFRJ organiza uma reunião com a administração central da universidade para levar as reivindicações dos professores e cobrar respostas. “Esta questão do espaço físico do CAP, por exemplo, não é uma pauta só do CAP. É uma pauta que precisa ser de toda a UFRJ”, disse a presidenta Lígia Bahia.

“Estamos subdimensionados. O CAP precisa ser visto. De muitas maneiras”, concluiu o professor Leonardo Dangelo.

## DEPOIMENTO | ALESSANDRA NASCIMENTO

PROFESSORA DO SETOR MULTIDISCIPLINAR DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

A gente vive no CAP, todos os anos, uma política de sucateamento do nosso trabalho. É claro que a gente entende que os trâmites da universidade são diferentes. As etapas de um processo de seleção para professor substituto incluem análise curricular, avaliação de aula e várias coisas que fazem o nosso colégio ser uma instituição de excelência, reconhecida pela qualidade. Mas todo ano a gente vive esse esvaziamento de professores.

Há uma demora significativa para atender às nossas demandas. A gente não recebe as vagas necessárias ao nosso funcionamento. Levantamos as especificidades dos setores, o número de turmas e de alunos, o tipo de trabalho que precisará ser desenvolvido. E sempre temos como resposta que a UFRJ não pode contratar todas as solicitações.

O meu setor precisava de oito substitutos. Fizemos o processo seletivo e só conseguimos aprovar oito professores, sem formar cadastro de reserva. O resultado saiu em dezembro, mas esses professores só foram chamados depois do Carnaval. Tivemos que iniciar as aulas sem conseguir cobrir esses tempos de aula desses oito substitutos.

Daqueles oito professores aprovados, dois não puderam mais assumir e a gente teve que fazer a ‘escolha de Sofia’ de ver qual turma ficaria sem professores. A UFRJ demorou tanto para chamar esses aprovados, que alguns professores acabaram recebendo outras propostas e iniciaram o ano letivo em outras instituições. Isso acontece com frequência.

A minha turma é a 11B, formada por crianças pequenas que estão chegando pela primeira vez à escola. Elas estão iniciando o 1º ano do Ensino Fundamental e estão sem os tempos de Matemática e de Ciências. A gente fica tentando ver quem pode cobrir, como substituir, quem vai deixar de

realizar suas atividades de pesquisa e extensão, quem vai atender os bolsistas, os estagiários, mas o resultado é que a minha turma está com os três últimos tempos da semana vagos, mesmo fazendo o possível para cobrir essa defasagem.

É uma angústia enorme, porque são crianças pequenas, que estão com uma janela cognitiva imensa, totalmente aberta ao conhecimento, mas cujo aprendizado está em risco porque as necessidades básicas de ter professores em sala de aula não estão sendo atendidas. É uma vergonha. Parece que gritamos sozinhos, que ninguém nos vê ou nos ouve.

Não dá para uma turma de ensino básico ficar sem professor por três meses, sem nenhuma perspectiva de resolução. É preciso urgência para resolver esses problemas. Quando isso acontece no ensino superior, em último caso, o departamento não abre a turma, não oferece a disciplina. A gente não pode fazer isso na educação básica. Não temos como não abrir uma turma por falta de professores.

Outro grave problema é a demora para concluir os processos seletivos de contratos efetivos. Fizemos um concurso em outubro do ano passado e as turmas do 5º ano do Ensino Fundamental seguem sem professor de Português até hoje. As aulas começaram em 2 de fevereiro. Terminamos as avaliações do primeiro trimestre com as duas turmas sem professor de Português. A professora só tomou posse em 27 de abril.

Incorporamos a Escola de Educação Infantil, mas não tivemos aumento de vagas efetivas para o segmento. Temos uma defasagem que se arrasta por anos. Faltam professores por uma expansão que ocorreu, mas que não se traduziu em mais vagas docentes. O colégio todo vive muitas incertezas. Estamos muito distantes da qualidade que gostaríamos de entregar para a sociedade e essa sensação de impotência é adoeccedora.”

## COMO É FEITA A CONTRATAÇÃO DE PROFESSORES DO CAP

O concurso para professor efetivo do Colégio de Aplicação tem rigorosas etapas, como prova escrita, prova didática e prova de títulos. Cada fase tem seus prazos e períodos para recursos. Antes da abertura do edital, o CAP identifica a carência de docentes e solicita as vagas à reitoria, que depende da disponibilidade de códigos de vaga vindos de Brasília. São os ministérios da Educação e da Gestão que definem os limites financeiros e de cargos. A reitoria só pode abrir o concurso se tiver códigos de vagas livres no banco de professor-equivalente da carreira EBTT. Ou seja, se o CAP pedir dez vagas, mas

a UFRJ possuir apenas três códigos de vaga EBTT desocupados no sistema unificado da União, o edital ficará limitado a essas três vagas. O professor da carreira EBTT não participa da distribuição de vagas promovida pela Comissão Temporária de Alocação de Vagas (Cotav).

Uma vez autorizado o concurso, cabe à Pró-reitoria de Pessoal elaborar e publicar o edital. Finalizado o concurso, o candidato ainda tem um período legal de até 30 dias para assumir o cargo, após a convocação. “Cada etapa e cada prazo legal impactam na duração do processo de seleção”, adverte a pró-reitora de Pessoal Neuza Luzia.

No caso da seleção simplificada para professores substitutos, a unidade formula o pedido e a Câmara de Corpo Docente (CCDoc) analisa o processo e as demandas da unidade acadêmica, com base em critérios técnicos e orçamentários. A resolução 03/2021 do Conselho de Ensino de Graduação (CEG) define que o número de vagas disponíveis para professores substitutos em toda a universidade é determinada pela PR-4 em conjunto com a PR-3, conforme a disponibilidade orçamentária. A mesma resolução evidencia que o número total de professores substitutos não pode ultrapassar 20% do total de efetivos.

Com essas informações, o CEG

faz a análise do pedido e envia o parecer para a PR-4. Abre-se, então, o edital do processo seletivo, que conta com preenchimento de formulário, envio de documentação, prova escrita, prova didática, análise de currículo e títulos. “Nesse caso, a PR-4 participa em três momentos: a gente faz o edital e publica, o que leva em torno de uma semana. A partir disso, as etapas de avaliação dos candidatos ficam a cargo da unidade”, frisa a pró-reitora. “Nós só voltamos a atuar quando a unidade nos envia a relação dos aprovados com as respectivas documentações para conferência. Se estiver tudo correto, em mais uma semana e meia a gente libera esse professor para

realizar o exame admissional. O terceiro momento é a posse”, conta a dirigente.

Neuza alerta que muitas vezes ocorrem problemas no processo seletivo. “Há processos que se iniciam errados e temos que enviar de volta às unidades. Há documentações erradas de aprovados e precisamos devolver para que a unidade providencie a documentação correta. Todos esses pontos, além de todos os prazos legais, podem atrasar a conclusão da seleção”, avalia. “Uma das variáveis fundamentais é o próprio candidato, que muitas vezes também falha nesse processo.”

#OrgulhoDeSerUFRJ



# ICB celebra os 80 anos de Vivaldo Moura Neto

KELVIN MELO  
kelvin@adufrrj.org.br

Uma divertida e emocionante homenagem aos 80 anos do mestre Vivaldo Moura Neto marcou o último dia 7 de maio, no Instituto de Ciências Biomédicas. Colegas e ex-alunos se revezaram ao microfone do auditório do Programa de Ciências Morfológicas por quase quatro horas para reverenciar o professor apaixonado pela pesquisa, exigente com os discípulos

e generoso nas colaborações acadêmicas.

Em um desses depoimentos, a professora Flávia Gomes contou que Vivaldo, hoje professor emérito e membro titular da Academia Brasileira de Ciências, levava pão doce ao laboratório pelo menos uma vez por semana para conversar com cada um sobre o andamento das pesquisas. A delicadeza dos gestos, porém, não impedia a cobrança do mestre: “Ele sempre empurrava a gente a fazer mais e mais. Dizia: ‘Minha filha, você só consegue fazer três

coisas ao mesmo tempo?’. E foi assim a vida toda”, brincou.

Do exterior, o professor José Garcia Abreu enviou um vídeo em que brincou com a paixão de Vivaldo pela França, transparente em várias falas ao longo da tarde. “O Vivaldo é uma mistura do parisiense culto com a alegria transbordante do carioca. É como se fosse um dançarino ambulante, que passa alegria por onde vai”, disse.

Abreu, ex-diretor do ICB, abordou ainda a influência do homenageado em toda sua trajetória

profissional e cidadã. “Você não foi apenas um mentor da minha carreira, Vivaldo. Foi muito importante para me transformar como homem, de me mostrar o quão importante é ser generoso. Você merece todas as homenagens do mundo. Que venham mais 80!”, concluiu.

Ao final, humilde e carismático, o professor Vivaldo retribuiu a homenagem, um a um, e no geral. “Eu não sou nada disso que falaram aqui. Eles, os alunos, é que foram brilhantes. Para mim, foi fácil. Eu conduzi

uma orquestra, um grupo em que todo mundo era bom”, disse.

Atuante até hoje, Vivaldo — que completou os 80 anos em 28 de dezembro — está à frente da diretoria de Pesquisa do Instituto Estadual do Cérebro onde segue promovendo a Ciência. “Estou tentando sobreviver lá há uns dez anos. Antes havia uma certa dificuldade de vencer os médicos a arranjar um tempo para fazer ciência. Agora, está ficando melhor”, brincou.

E o professor não pensa em parar. Vivaldo recordou que seu mestre Carlos Chagas Filho, fundador do Instituto de Biofísica, visitava o laboratório e queria fazer os experimentos até os últimos dias de vida, mesmo com dificuldades de mobilidade. “Achava aquele homem extraordinário. Por isso, eu digo que 80 anos é mixaria. Quero chegar aos 90 e poder fazer as coisas que o Chagas fazia”, afirmou.

FOTOS: ACERVO PESSOAL

## CARDIOLOGISTA FAUSTO PINTO RECEBE O TÍTULO DE DOUTOR HONORIS CAUSA

A UFRJ concedeu o título de Doutor Honoris Causa ao cardiologista português Fausto José da Conceição Alexandre Pinto, no dia 5. A honraria reconhece a trajetória profissional e a destacada contribuição do homenageado à integração acadêmica entre Brasil e Portugal.

Enquanto dirigiu a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, entre 2015 e 2022, o homenageado se empenhou para a assinatura de vários acordos entre instituições dos dois países. Entre eles, o de validação automática de diplomas com a UFRJ. “Isso permitiu, entre 2019 e 2024, que formandos de todas as épocas pudessem validar seus diplomas médicos e adquirir direito ao exercício pleno da Medicina tanto no Brasil como em Portugal. Mais de 1,7 mil médicos formados pela UFRJ utilizaram o acordo”, afirmou o professor emérito Manuel Domingos da Cruz Gonçalves,



na sessão solene do Conselho realizada no auditório do Hospital Universitário.

Natural de Santarém, região central de Portugal, o novo Doutor Honoris Causa da UFRJ foi o primeiro português a presidir a World Heart Federation (WHF), além de ter sido presidente da Sociedade Europeia de Cardiologia (ESC). Fundou, ainda, a Rede de Cooperação de Escolas Médicas

de Língua Portuguesa.

“Aceitar essa distinção não é apenas acolher uma homenagem pessoal. É, sobretudo, reconhecer um esforço coletivo, construído ao longo de décadas com colegas, discípulos, mestres e instituições que moldaram o meu pensamento e minha prática”, agradeceu o professor Fausto. “Recebo esse título não como um ponto de chegada, mas como um compromisso renovado: compromisso com a Medicina, compromisso com o ensino, compromisso com a investigação e compromisso com a cooperação entre nossos países”, completou.

“Posso adiantar que vossa excelência há muito ultrapassou barreiras geográficas e tornou-se um médico sem fronteiras, aclamado no cenário mundial. Um autêntico embaixador da cardiologia”, afirmou o diretor da Faculdade de Medicina, professor Alberto Schanaider. (Kelvin Melo)



## MESTRES DA ENGENHARIA: MAIS DE MEIO SÉCULO EM SALAS DE AULA

A Academia Nacional de Educação, Ciência e Inovação homenageou o professor Sílvio de Souza Lima e a professora Cláudia Morgado, na terça-feira (12). Os dois docentes da Escola Politécnica receberam medalhas e diplomas das mãos dos ex-reitores Nelson Maculan e Paulo Alcântara Gomes. “É uma honra para mim. Estou aqui desde os anos 70, quando entrei na Graduação”, lembrou Sílvio. “Somos todos Poli”, completou Cláudia Morgado.

#OrgulhoDeSerUFRJ

# Novo manual tem foco em alunos com deficiências

> Documento de 71 páginas criado pela UFRJ-Macaé orienta docentes sobre as legislações vigentes, os tipos de deficiência e as necessidades adaptativas, contribuindo para a permanência estudantil

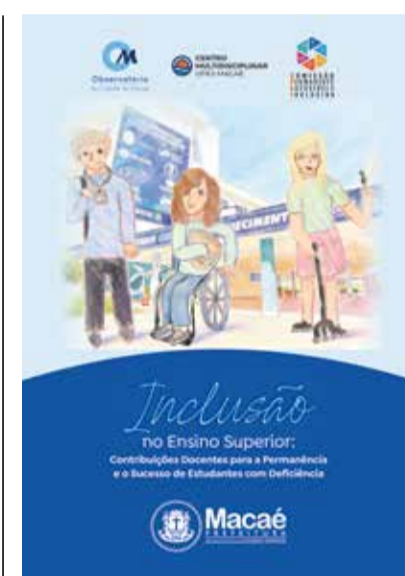
SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

O Brasil viu saltar o número de estudantes com deficiência no ensino superior. Eles correspondiam a 35 mil matrículas ativas em 2016, ano em que a lei de cotas para as universidades federais foi alterada para incluir pessoas com deficiência. Em 2024, na última avaliação divulgada pelo INEP, alunos com deficiência física, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades somavam 95 mil matrículas ativas — número quase três vezes maior do que a taxa de antes da mudança na lei.

Diante desse cenário, a Comissão Permanente Acessível e Inclusiva (CPAI) da UFRJ-Macaé criou um manual para orientar professores universitários. O guia “Inclusão no Ensino Superior: Contribuições Docentes para a Permanência e o Sucesso de Estudantes com Deficiência” traz em suas 71 páginas as legislações vigentes, os tipos de deficiência física, intelectual e transtornos elencados na legislação, aborda necessidades adaptativas para cada tipo de deficiência e os tipos de tecnologias assistivas. O documento foi feito em parceria com a Secretaria de Ensino Superior da Prefeitura de Macaé.

“Nós temos a cada dia o ingresso de mais estudantes com deficiência, mas onde estão as ações de permanência?”, questiona a professora Cherrine Kelce Pires, presidenta da CPAI. “No final de 2025, tínhamos cerca de 80 estudantes com diferentes tipos de deficiência no Centro Multidisciplinar, mas esses dados levam em conta apenas a entrada pela cota”, explica a docente. “Há deficiências adquiridas ao longo do curso por um acidente ou por uma doença grave que deixa sequelas. Há ainda os diagnósticos tardios e há quem passe para a universidade na ampla concorrência e não quer expor sua deficiência. O dado não enxerga esses estudantes, esse número ainda é subdimensionado”, analisa a professora. “Precisamos olhar para todos eles. O foco da nossa comissão é formar os professores para que esses alunos aumentem sua participação e seu sucesso acadêmico”, explica.

A publicação foi elogiada por estudantes. “A gente entra na



universidade por políticas afirmativas e acha que vai encontrar o suporte necessário, mas a realidade não é bem essa”, aponta a estudante Aline Resende, do 8º período de Farmácia do Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé. “Esse manual é muito positivo, pois ainda falta muita informação em todos os lugares sobre as necessidades das pessoas com deficiência”, diz ela.

Aline tem um condição chamada mielomeningocele, uma má formação na medula espinhal que causa limitações motoras. Ela usa cadeira de rodas na universidade. “Quando cheguei na graduação, em 2022, me deparei com muitas barreiras estruturais. Eu usava cadeira de rodas manual e precisava sempre da ajuda de alguém para acessar os andares”, lembra. “As rampas em Macaé existem, mas são inclinadas demais”, critica. “Passei por muitas dificuldades, até que minha família se cotizou e consegui comprar uma cadeira motorizada em 2024. Desde então, não dependo mais de ajuda para chegar às aulas”, conta. “Se tivéssemos elevadores, eu e outros colegas não teríamos esse problema. Acessibilidade é você poder ir e vir sem depender de ninguém”.

### BARREIRAS

A estudante lembra que no começo do curso ela se deparou com as chamadas barreiras atitudinais. “Esse debate sobre pessoas com deficiência ainda não estava estabelecido na universidade. Havia, sim, barreiras por parte de colegas e professores”, relembra a estudante. A cultura local foi mudando aos poucos. “Hoje, com as capacitações e maior acesso a informações, o quadro é outro. Por exemplo, eu preciso de uma mesa individual para que eu consiga encaixar a minha cadeira e assistir às aulas. A universidade usa aquelas carteiras com a cadeira fixa. Eu não consigo fazer uso delas. Hoje, se o professor entra em



sala e vê que falta a minha mesa, ele vai pedir para trazerem e não inicia a aula sem que eu esteja instalada”.

As barreiras também existem para estudantes neurodivergentes, caso da aluna Alessandra Pereira da Silva, do segundo período de Medicina em Macaé. Ela recebeu o diagnóstico de autismo já na fase adulta e precisa utilizar nas aulas equipamentos de proteção, como óculos escuros e abafadores de ruído.

A UFRJ é a terceira universidade pela qual a estudante passou. Ela tem uma primeira formação em Ciências Sociais, na UnB, e desistiu do curso de Medicina, na Universidade Federal do Delta do Parnaíba, no Piauí. “Na primeira, não tive nenhum suporte porque ainda não tinha diagnóstico fechado. Sofri muito, fiquei em situação de jubilação duas vezes, mas consegui concluir o curso após

longos anos. Na segunda universidade, eu já tinha o diagnóstico, mas simplesmente desisti do curso porque não tinha estrutura”, conta Alessandra. “Aqui eu encontrei equidade para conseguir estudar. Os professores me permitem ser aluna. Uma coisa tão simples, mas geralmente não é a primeira preocupação do estudante PCD. Antes, ele se preocupa com as barreiras que vai enfrentar, se vai conseguir continuar no curso, como vai chegar à aula”, analisa.

Para a professora Cherrine, as barreiras atitudinais e o capacitismo só podem ser reduzidos com informação e formação. “Os estudantes precisam ter pleno direito à educação. Precisamos pensar num espaço de desenho universal, acessível a todos. Nossa meta é ter ambientes em que qualquer pessoa, independentemente de sua deficiência, tenha o acesso garantido ao espaço aos materiais”.

### MAPEAMENTO

Rita Gomes, gestora da Diretoria de Acessibilidade (Dirac), vinculada à Superintendência-Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Acessibilidade da UFRJ (Sgaada), elogia o trabalho da comissão de Macaé, mas pede mais unidade nas ações. “Nós temos proximidade grande com a comissão. A gente conhece a competência técnica das

pessoas, mas o ideal é que o a gente produzir tenha caráter coletivo, a chancela da Minerva”, diz. “É preciso formar professores que ainda não pensam na perspectiva da inclusão e da acessibilidade. Estamos organizando a equipe para amadurecer as ações. A gente está falando de alunos com deficiência, com autismo, mas essa demanda vem crescendo também entre técnicos e docentes”.

As ações, no entanto, ainda caminham lentamente. “Um decreto do ano passado instituiu o atendimento educacional especializado, que passou a ser obrigatório, mas não temos psicopedagogia no PCCTAE, nem cuidadores. Há uma série de demandas muito urgentes”, afirma. “Temos um número muito grande de pessoas autistas, então estamos investindo em um planejamento para a área de regulação e realizando mapeamento de barreiras arquitetônicas e urbanísticas”, conta. “Ainda não temos o site da Sgaada contemplando todas as acessibilidades. Então, tem uma pessoa deslocada para atuar nesse sentido. Com o site pronto, disponibilizaremos todos os materiais de consulta, orientação e apoio”, pontua. “São muitas as urgências e necessidades”.

O Manual pode ser acessado em: <https://is.gd/xcuegA>.

FOTOS: ACERVO PESSOAL

# DRAMA DE R\$ 1,2 BI

KELVIN MELO  
kelvin@adufrj.org.br

**S**eria necessário R\$ 1,27 bilhão para reabilitar completamente 90,3% das edificações da UFRJ, ou 142 prédios. A impressionante cifra, que representa três vezes o orçamento discricionário (R\$ 410 milhões) da instituição, é a estimativa mais recente de um levantamento realizado pelo Escritório Técnico da Universidade (ETU).

O chamado REAB, Programa de Avaliação de Reabilitação dos Bens Imóveis, está em sua quarta edição. O estudo de 2023 apontava um custo de R\$ 795,7 milhões para recuperar 52% de toda área construída. Em janeiro de 2025, era de R\$ 1,05 bilhão o custo da reabilitação total dos espaços avaliados até então (76%).

“O estudo liderado pelo Escritório Técnico tem sido fundamental para conhecermos a situação de nossas edificações. Infelizmente, algumas delas precisam de uma reabilitação muito grande”, afirma o reitor da UFRJ, professor Roberto Medronho. “E esse dinheiro é para voltar ao que era, não é para modernizar, não é para fazer nada novo. É para que possamos dar a devida dignidade das condições de trabalho e ensino para nosso corpo social”.

Além de solicitar verbas suplementares e emendas parlamentares, a administração central estuda uma iniciativa inédita para tentar resolver o drama da infraestrutura. “Temos um projeto disruptivo chamado ‘Do fundo do mar ao topo do conhecimento’. A proposta é que no próximo leilão do pré-sal, em vez de o governo receber dinheiro, haja a contrapartida de uma pequena fração para investimento em obras nas nossas edificações. São leilões de bilhões de dólares”, diz Medronho.

A justificativa para o ganho seriam as pesquisas da universidade em apoio à exploração do petróleo no Brasil. “Como pode a UFRJ, que ajudou este país a prospectar petróleo em águas profundas e ultraprofundas, estar nesta situação? Se fazemos tudo que fazemos com esses recursos, imagine se tivéssemos orçamento justo para exercer a nossa missão”, afirma o reitor. “Estamos articulando para levar essa proposta a uma audiência na Presidência da República. E não tenho dúvida de que o presidente será sensível”, completa.

## PRÉDIOS ANTIGOS

As demandas são muitas. Do montante estimado de R\$ 1,27 bilhão, R\$ 840 milhões seriam

voltados para anomalias graves de infraestrutura. O estudo mostra que o subfinanciamento crônico dos últimos tempos se soma a um conjunto edificado envelhecido para criar a “tempestade perfeita”: 77% das edificações têm mais de 40 anos. Enquanto 39% dos imóveis foram construídos durante a década de 1970, 38% foram erguidos entre as décadas de 1850 e 1960.

O REAB estipula um índice de reabilitação que varia de 0 a 120, indicando o estado de conservação de cada imóvel e dando a base do cálculo para o custo da reforma.

O caso mais crítico é o prédio da universidade construído na década de 1930 na Praça da República, e que sediou a antiga Escola Eletrotécnica, hoje sem uso. Com índice de reabilitação de 95,51, ele tem problemas graves na cobertura, nos pisos, nos revestimentos e nas instalações hidráulicas e elétricas. O ETU estima o custo da reforma completa do imóvel em R\$ 8,8 milhões — a reitoria conseguiu, neste ano, aprovar um projeto de captação de recursos via Programa Nacional de Cultura para a restauração.

Também destaque entre os imóveis com estado de conservação muito ruim está o edifício Jorge Machado Moreira, no Fundão, que abriga a EBA, a FAU e o IPPUR. Com índice de reabilitação de 83,7, ele tem problemas graves nas fundações e estrutura, fechamentos, revestimentos externos e instalações elétricas. Para reforma completa do imóvel, que sofreu dois incêndios — em 2016 e em 2021 — seriam necessários R\$ 224,9

## ACESSIBILIDADE

O estudo do Escritório Técnico abrirá uma nova frente para a próxima edição: a situação da acessibilidade nos prédios. “No final do ano passado, recebemos um ofício do MEC para informar sobre a situação de acessibilidade das edificações. Mas antes disso, a gente já estava conversando com a Diretoria de Acessibilidade da SGAADA (Superintendência Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Acessibilidade). A perspectiva é incluir no próximo REAB algumas primeiras observações sobre o tema”, afirma o professor Wagner.

milhões, o maior investimento individual de toda a UFRJ.

Para o diretor da EBA, professor Daniel Aguiar, conduzir a

unidade em um prédio nestas condições representa um desafio. “A Escola de Belas Artes é uma instituição altamente renomada no seu campo do saber. Temos aqui alguns dos cursos mais bem avaliados da área com um orçamento e uma infraestrutura insuficientes”, avalia.

“Entre docentes, técnicos-administrativos, estudantes e trabalhadores terceirizados somos mais de 3 mil pessoas que convivem diuturnamente com a falta de elevadores, salas sem ar-condicionado e uma sensação de que não somos valorizados à medida do que merecemos”, diz.

## 100% EM BREVE

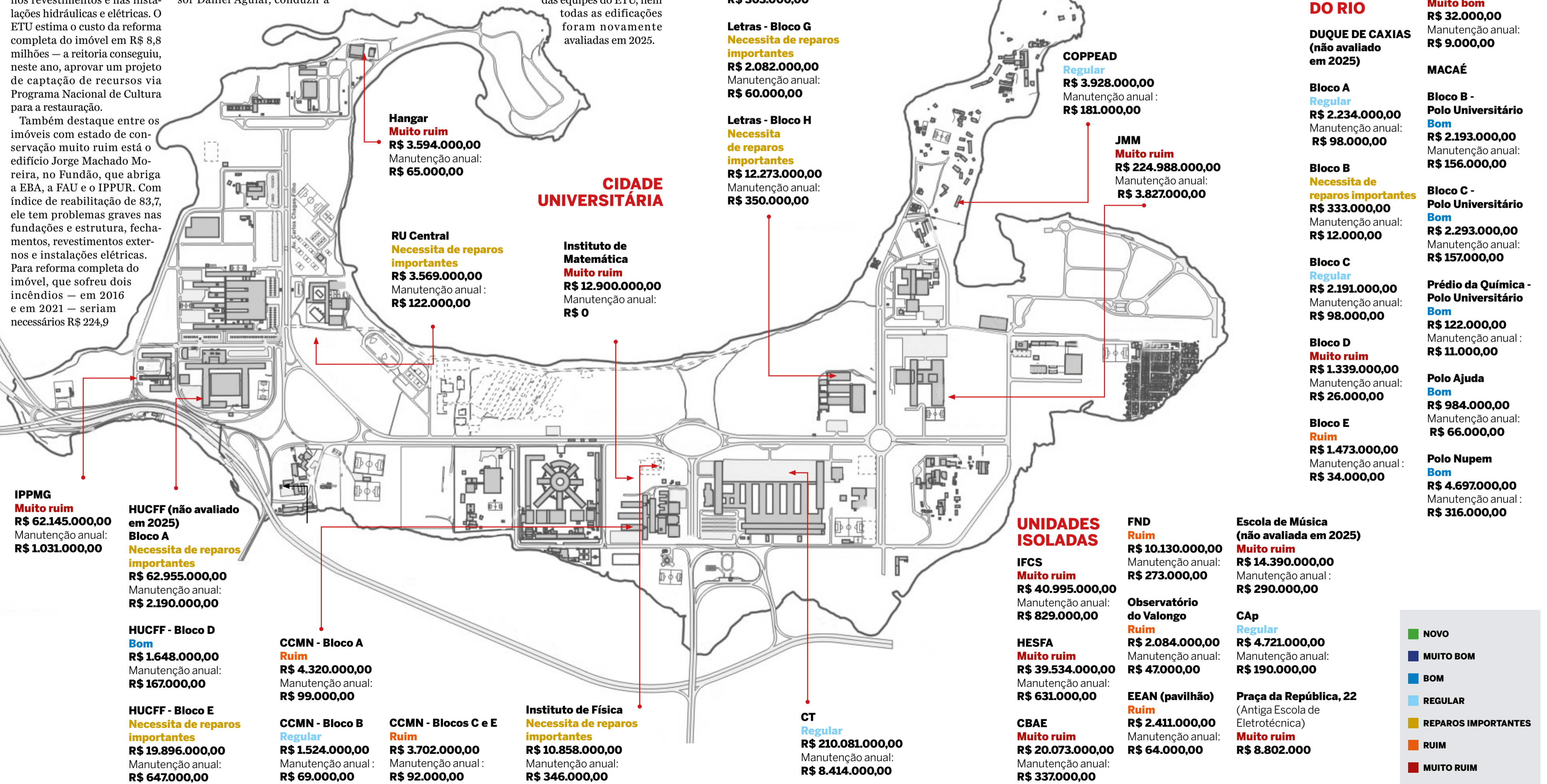
“A principal novidade do atual REAB é que conseguimos incluir na análise mais alguns blocos do CCS, um dos maiores da UFRJ”, afirma o diretor do ETU, professor Wagner Ribeiro.

A expectativa da direção do Escritório Técnico é terminar a vistoria em 100% das edificações da universidade ainda neste semestre. “Faltam mais alguns prédios do CCS, o CT 2, anexos do Museu Nacional e o Instituto de Psiquiatria (IPUB), entre outros poucos locais”, diz o professor.

Para o dirigente, o REAB representa uma ferramenta de planejamento importante não só para a equipe da reitoria. “Todos os nossos relatórios são remetidos para as unidades. A manutenção é de responsabilidade de toda a comunidade”, afirma.

Por outro lado, Wagner considera que o projeto também pode ajudar a UFRJ a conseguir mais recursos de investimento junto ao governo. “A partir de agora, estamos cadastrando as obras e o planejamento delas em um sistema do Ministério da Educação, mostrando nossas necessidades”, explica.

Confira, a seguir, a situação de algumas unidades avaliadas pelo REAB, o custo estimado para sua reabilitação e de manutenção preventiva anual. Em função da alta demanda das equipes do ETU, nem todas as edificações foram novamente avaliadas em 2025.



# A BELEZA E A FORÇA DOS SEMEADORES DA FLORESTA



**TRABALHO** Toucan-de-bico-preto se alimenta de frutos de uma palmeira-juçara na Floresta da Tijuca. Há um aumento da população da espécie vegetal, nativa da Mata Atlântica

> Estudo liderado por pesquisadoras da UFRJ mostra que reintrodução dos tucanos-de-bico-preto na mata, feita nos anos 1970, vem recuperando a atividade de dispersão de sementes em até 89%

**ALEXANDRE MEDEIROS**  
comunica@adufjr.org.br

A exuberância da Floresta da Tijuca, uma das mais belas e conservadas porções da Mata Atlântica do país, se deve em boa parte ao trabalho de um morador ilustre daquelas matas, também ele um exemplo de beleza e conservação: o toucan-de-bico-preto. Reintroduzido no Parque Nacional da Tijuca (PNT) no início dos anos 1970, depois de praticamente desaparecido da fauna carioca por conta do desmatamento, o animal não só recuperou seu espaço na floresta como vem contribuindo para a proliferação de espécies vegetais nativas e ameaçadas de extinção na Mata Atlântica, como a palmeira-juçara.

O sucesso da reintrodução do toucan-de-bico-preto no Parque Nacional da Tijuca e a importância de sua ação como dispersor de sementes são av-

liados em um estudo liderado por pesquisadoras do Instituto de Biologia da UFRJ (IB/UFRJ), publicado em fevereiro na revista científica sueca *Oikos*. Principal autora do estudo, a bióloga Flávia Zagury destaca que a reintrodução da ave recuperou, em média, 76% das interações de frugivoria (consumo de frutos e dispersão de sementes) no Parque, no período de um ano de análise. Para as interações com sementes médias e grandes o resultado é ainda mais expressivo: 89% e 88%, respectivamente.

Os tucanos são ótimos dispersores de sementes. Eles conseguem consumir frutos de vários tamanhos, e voam longas distâncias. “A dispersão de sementes é um processo muito importante nos ecossistemas”, explica Flávia, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ecologia do IB. Ela explica que a Floresta da Tijuca, assim como outras áreas remanescentes de Mata Atlântica, é um ecossistema defaunado. “Ou seja, por ter passado por um



**Os tucanos são ótimos dispersores de sementes. Eles conseguem consumir frutos de vários tamanhos”**

**FLÁVIA ZAGURY**  
Pesquisadora do IB/UFRJ

processo de degradação, perdeu muitas espécies de mamíferos e de aves, sobretudo as de maior porte, como os tucanos. E, sem esses animais, as plantas que têm sementes de frutos médios e grandes perdem os seus dispersores. Os resultados desse estudo revelam que há um grande potencial de recuperação dessas interações”, avalia.

**TRABALHO PIONEIRO**  
A história do estudo liderado pelas pesquisadoras da UFRJ

começa no fim dos anos 1960, com a apreensão em massa de tucanos-de-bico-preto no comércio ilegal por agentes do então Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), o atual Ibama. E tem um personagem central: o biólogo cearense Ademar Coimbra-Filho (leia box com perfil do pesquisador). Ao lado de Antonio Aldrighi, então diretor do PNT, Coimbra-Filho foi o responsável pela reintrodução de 47 tucanos-de-bico-preto na área do Parque, entre os anos de 1970 e 1973. Todos apreendidos no comércio ilegal.

Em um trabalho publicado em 2000, o próprio Coimbra-Filho assim descreveu suas impressões sobre a reintrodução: “Após as solturas, os tucanos voavam imediatamente para árvores mais altas, onde permaneciam algum tempo, ocasião em que alguns emitiam suas inconspicíveis vocalizações, hoje frequentes nas matas da região. Aos poucos afastavam-se pelas ramagens do arvoredo da floresta, procurando alcançar as par-

tes mais altas, de onde voavam e desapareciam da nossa vista”.

Apaixonado pelo trabalho de Coimbra-Filho, Flávia Zagury tem orgulho em poder resgatar e avançar nas pesquisas com os tucanos-de-bico-preto. “O trabalho dele foi pioneiro e rende frutos até hoje. A população proveniente da reintrodução conduzida por Coimbra-Filho e Antonio Aldrighi já recuperou grande parte das interações de frugivoria esperadas”, diz Flávia.

De acordo com a bióloga, por ser uma ave de grande porte e capaz de voar longas distâncias, o toucan-de-bico-preto consegue dispersar sementes para novas áreas por meio da zoocoria — os animais ingerem frutos e dispersam as sementes longe da planta-mãe. “Para este estudo, fizemos observações em campo durante um ano para verificar com quais espécies a população de tucanos-de-bico-preto, proveniente da reintrodução, estava interagindo em termos de frugivora. Seguimos indivíduos ou bandos de tucanos durante o máximo de tempo possível,



observando e anotando todas as espécies de fruto que eles consumiam. Totalizamos cerca de 520 horas em campo”.

## NOVOS ESTUDOS

Para a professora Rita Portela (IB/UFRJ), outra autora do estudo, a pesquisa tem um viés de continuidade e resgate do trabalho feito por Coimbra-Filho nos anos 1970. “As reintroduções feitas na Floresta da Tijuca são muito recentes, casos dos bugios e das araras. Essa dos tucanos feita pelo Coimbra-Filho é a que temos um histórico mais longo, nos mostra que essas reintroduções são viáveis e como são importantes para a restauração das interações e funcionalidades da floresta”, explica a docente. “O toucan é um dispersor muito eficiente de sementes grandes, e essas sementes são de árvores que acumulam muito carbono. Esse é um outro fator importante da restauração dessa interação, já que essa dispersão seria muito pequena sem a ação de animais como os tucanos”, diz Rita.

No estudo, os pesquisadores utilizaram a abordagem de “crédito de interações”, que se baseia na ideia de que, ao reintroduzir uma espécie localmente extinta, não apenas a espécie retorna ao ambiente, mas ela também tem o potencial de trazer de volta interações ecológicas que foram perdidas com a sua extinção. O toucan-de-bico-preto chegou a ser considerado extinto na área do PNT em 1968. Além de Flávia e Rita, assinam o estudo os professores Henrique Rajão

(PUC-RJ), Ângelo Corrêa (USP) e Luisa Genes (Stanford University).

Em sua pesquisa de doutorado, Flávia Zagury quer ir além. “Uma das espécies que a gente mais constatou como alimento dos tucanos-de-bico-preto foi a palmeira-juçara. No meu doutorado eu ampliei a gama de olhares para entender as interações ecológicas da palmeira-juçara na Floresta da Tijuca e no Poço das Antas (reserva biológica no interior fluminense). Tento entender o quanto cada espécie, como o toucan-de-bico-preto, está colaborando para aumentar a população da juçara, por meio da dispersão de sementes”, diz Flávia. Mais uma vez passado, presente e futuro se unem: a reserva de Poço das Antas foi criada a partir do trabalho de Ademar Coimbra-Filho.

A bióloga passa mais tempo em campo do que em laboratório. “Não é fácil trabalhar com tucanos, muito menos seguir os animais na floresta. Eles fazem ninhos em cavidades de árvore, você tem que escalar para conseguir monitorar”, conta. “De início fizemos esse trabalho no Jardim Botânico do Rio. Foi aí que comecei a minha história com os tucanos-de-bico-preto. Eu vejo essas aves como um grande exemplo da história do Rio de Janeiro, da exploração que tivemos de nossas florestas, do desmatamento, até a recuperação que temos tido nos últimos tempos, com a refauna”, compara a pesquisadora.

E que os tucanos-de-bico-preto voem cada vez mais longe.

## INCANSÁVEL DEFENSOR DA VIDA

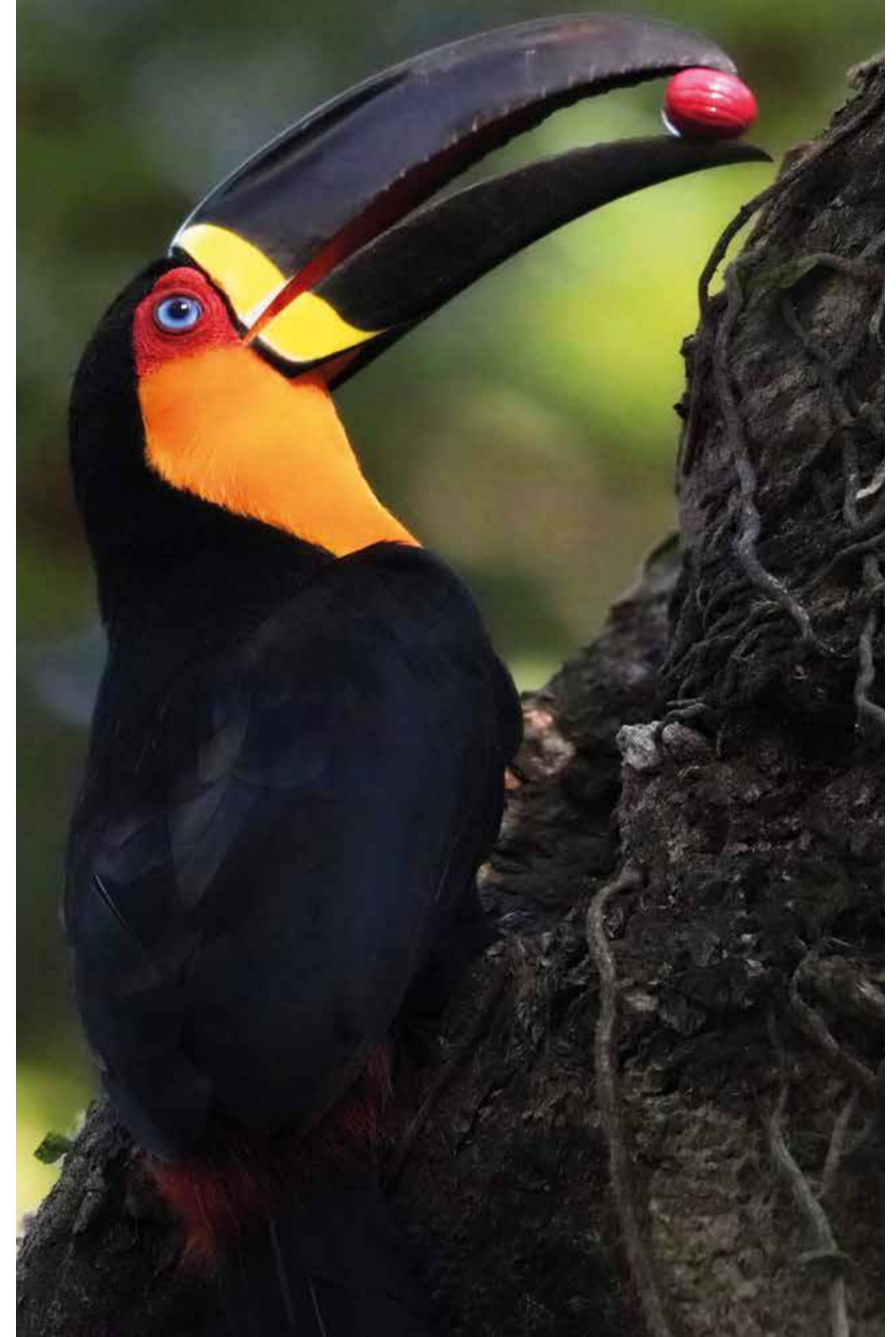
Embora tenha feito um trabalho notável com os tucanos-de-bico-preto na área do PNT, o biólogo Ademar Faria Coimbra-Filho é mais conhecido por suas ações de preservação de outro animal: o mico-leão-dourado. Que, por sinal, era por ele chamado de sauí-piranga, que significa “primata vermelho” em tupi-guarani.

Considerado um dos maiores conservacionistas do Brasil, Coimbra-Filho foi o responsável pela criação da Reserva Biológica de Poços das Antas, em Silva Jardim (RJ), a primeira do gênero do país, em 1974. É lá que o sauí-piranga, antes

ameaçado de extinção, vive em harmonia com a natureza.

Nascido em Fortaleza em 1924, Coimbra-Filho iniciou sua vida profissional no Rio de Janeiro, onde estudou História Natural e Zoologia, e desenvolveu trabalhos em áreas como Primatologia, Biologia de Vertebrados, Biogeografia e Conservação de Ecossistemas Naturais. Foi o primeiro diretor do Parque Florestal da Gávea (atual Parque da Cidade), em 1947. Depois de ocupar diversos cargos em instituições como o Jardim Zoológico do Rio de Janeiro e o Serviço de Parques e Reservas Biológicas, do antigo Estado da Guanabara, o biólogo dedicou-se ao estudo dos pri-

**EXEMPLO**  
Para a bióloga Flávia Zagury, os tucanos-de-bico-preto simbolizam um pedaço da história do Rio de Janeiro, desde a exploração das florestas nativas da Mata Atlântica até a recuperação da fauna e da flora, intensificada nas últimas décadas



FOTOS: DIVULGAÇÃO



**HARMONIA** O biólogo com os tucanos que reintroduziu na floresta

matas — além da reserva de Poço das Antas, ele criou e foi o primeiro diretor do Centro de Primatologia do Rio de Janeiro (CPRJ), em 1979.

O CPRJ tem como principal objetivo assegurar a continuidade das espécies, por meio de um banco genético que dá suporte às colônias de primatas brasileiros. O centro cria somente primatas de espécies nativas do Brasil, com atenção especial para aquelas sob algum risco de ameaça de extinção. Por essas iniciativas, Coimbra-Filho é considerado “o pai da primatologia brasileira”. O biólogo faleceu no Rio de Janeiro aos 92 anos, em 2016.



# DÉBORA FOGUEL CONQUISTA PRÊMIO ANÍSIO TEIXEIRA

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

**A** Capes divulgou no dia 8 de maio os vencedores do Prêmio Anísio Teixeira. A professora Débora Foguel, do Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ, é uma das vencedoras na categoria Educação Superior. Ao todo, 10 pesquisadores foram agraciados nesta categoria. Outros dez receberão a premiação na categoria Educação Básica (veja lista dos premiados ao lado).

A distinção é dedicada a personalidades “brasileiras por contribuições relevantes, consistentes e continuadas ao desenvolvimento da educação brasileira”. As indicações dos finalistas foram realizadas pelo Conselho Técnico-Científico da Educação Superior. A professora Débora Foguel fez graduação, mestrado e doutorado na UFRJ. É docente da universidade há 30 anos, pesquisadora 1A do CNPq e Cientista do Nosso Estado da Faperj. Integra a Academia Brasileira de Ciências e a Academia Mundial de Ciências (TWAS).

Presidenta da Capes, a professora Denise Pires de Carvalho elogiou a colega da UFRJ. “A professora Débora Foguel é um exemplo de dedicação à Educação e à Ciência, com atuação de

**Recebi com grande alegria e honra o Prêmio Anísio Teixeira da Educação Superior, uma das mais altas distinções concedidas pela Capes a professores e pesquisadores que se dedicaram à educação superior no país”**

**DÉBORA FOGUEL**  
Professora do IBqM

excelência. Foi o merecido reconhecimento de uma trajetória ímpar. Débora é um exemplo a ser seguido e fonte de inspiração para as futuras gerações”.

Ex-presidente da Faperj, colega da professora Débora e seu companheiro há mais de 30 anos, o professor Jerson Lima Silva não poupou elogios. “A

Débora sempre lutou pela educação. Ela nunca assumiu uma posição confortável, sempre atuou no que acredita. Muito antes de existirem as cotas, que mudaram completamente o perfil da universidade, ela já participava de iniciativas de popularização da ciência, criadas pelo próprio Leopoldo de Meis”, lembrou o docente. “Nesse sentido, essa homenagem é mais do que justa, pois a Débora é um dos grandes exemplos que temos de compromisso com a educação superior. Sempre muito dedicada a tudo que se refere à universidade, atenta aos estudantes. Ela é gigante e eu fiquei muito feliz com a notícia. É um grande orgulho”.

A homenagem recebeu a notícia com emoção. “Recebi com grande alegria e honra o Prêmio Anísio Teixeira da Educação Superior, uma das mais altas distinções concedidas pela Capes a professores e pesquisadores que se dedicaram à educação superior no país”, disse a professora Débora. “Em momentos como esse, a gente para e pensa sobre a nossa própria trajetória, nem sempre retilínea, plana ou enolarada, mas certamente sempre rica, desafiadora e repleta de emoção”, analisou. “Isso porque tenho colegas brilhantes, alunos inspiradores e um ambiente fértil no Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis da nossa UFRJ!”.

## VENCEDORES HISTÓRICOS

O prêmio Anísio Teixeira foi criado em 1981 e ao longo de 45 anos se dedica a homenagear personalidades da educação básica e superior brasileiras. É anunciado a cada cinco anos e elege cinco personalidades em cada categoria. Neste ano, foram anunciados dez vencedores porque não houve a edição de 2021, ano da pandemia. Alberto Luiz Coimbra, Carlos Chagas Filho, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Leopoldo de Meis, Milton Santos, Luiz Bevilacqua, Nelson Maculan Filho e Helena Nader foram alguns dos condecorados desde 1981.

## VEJA OS GANHADORES DESTA EDIÇÃO

### EDUCAÇÃO BÁSICA

- Joscicélia Dumet Fernandes (UFBA)
- Ketí Tenenblat (UnB)
- Lydia Masako Ferreira (Unifesp)
- Marilena de Souza Chauí (USP)
- Rita de Cássia Barradas Barata (FCMSCSP)
- Edileuza Fernandes da Silva (UnB)
- Gersem José dos Santos Luciano (Gersem Baniwa) (UnB)
- Gilmar Pereira da Silva (UFPA)
- Helena Costa Lopes de Freitas (Unicamp)
- Jaqueline Moll (UFRGS)
- Luiz Fernandes Dourado (UFG)
- Márcia Ângela da Silva Aguiar (UFPE)
- Maria Beatriz Moreira Luce (UFRGS)
- Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo (UFRN)
- Nilma Lino Gomes (UFMG)

### EDUCAÇÃO SUPERIOR

- Ana Mae Tavares Bastos Barbosa (Anhembí Morumbi)
- Arlindo Philippi Junior (USP)
- Dalila Andrade Oliveira (UFMG)
- Débora Foguel (UFRJ)
- Dermeval da Hora Oliveira (UFPB)

# Rede Artigo 5º vê falhas em Plano de Reocupação do RJ

> Proposta foi entregue ao STF pelo governo fluminense em dezembro e prevê ações iniciais em Rio das Pedras, Gardênia Azul e Muzema. Especialistas criticam falta de cronograma e orçamento

ALEXANDRE MEDEIROS  
comunica@adufrrj.org.br

O Plano Estratégico de Reocupação Territorial do Estado foi o tema do segundo debate público da Rede Universitária Segurança Para Todos RJ - Artigo 5º, no último dia 7, no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), na Urca. Os pesquisadores da rede — articulada e apoiada pela AdUFRJ — produziram uma nota técnica em que apontam falhas e omissões na proposta elaborada pelo governo do Rio de Janeiro e apresentada, em 22 de dezembro do ano passado, ao Supremo Tribunal Federal (STF).

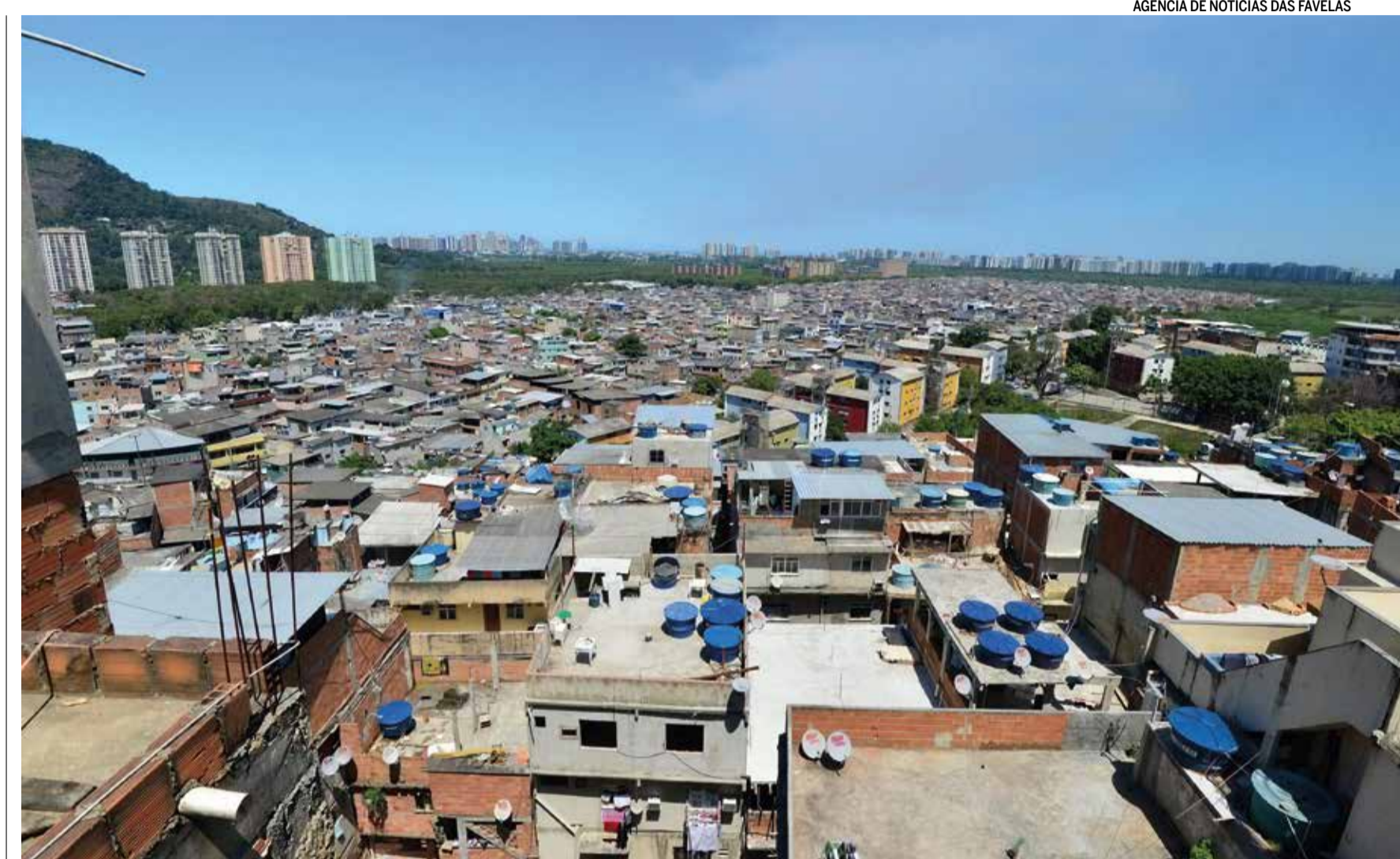
A principal crítica foi a indefinição sobre o papel da polícia no plano de reocupação de territórios hoje controlados por grupos armados no Rio de Janeiro. “O documento não fala como a polícia vai atuar nas comunidades”, observou Ignacio Cano, coordenador do Laboratório de Análise da Violência (LAV) da Uerj. Ele criticou a falta de um cronograma e de um plano orçamentário na proposta. “Sem cronograma e sem orçamento, não há perspectiva de que o plano vá ser implementado”, completou a professora Carolina Grillo, coordenadora do Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos (GENI) da UFF.

Ignacio e Carolina dividiram a mesa do encontro com dois experientes ativistas comunitários, o que muito enriqueceu o debate. “O desafio agora não é reocupar territórios, mas sim reconstruir a relação entre Estado e favela. A população tem que ser ouvida. A favela não é um território vazio esperando para ser ocupado”, comparou William de Oliveira, diretor da Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro (Faferj) e liderança da Rocinha.

Já Itamar Silva, ativista histórico da favela Santa Marta, demonstrou inquietude. “Não gosto da concepção de reocupação pois a lógica da guerra permanece. É como se a favela fosse um território inimigo. Tenho dificuldade de olhar para esse plano como uma conquista, tenho mais medos do que esperanças”, pontuou.

### “SÓ NO PAPEL”

O plano não foi uma iniciativa espontânea do governo do



RIO DAS PEDRAS Fase piloto do plano de reocupação dos territórios elaborado pelo governo estadual começa no “Cinturão de Jacarepaguá”

FOTOS: DIVULGAÇÃO



**PARTICIPANTES:**  
Carolina Grillo  
Itamar Silva  
Ignacio Cano  
William da Rocinha

**“A população tem que ser ouvida. A favela não é um território vazio esperando para ser ocupado”**

**WILLIAM DE OLIVEIRA**  
Diretor da Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro. Ele foi uma das exigências impostas pelo STF ao Executivo fluminense no âmbito da ADPF 635 (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental), conhecida como “ADPF das Favelas”. A ação foi ajuizada no STF pelo PSB, em 2019, com apoio de várias entidades da sociedade civil, para tentar conter a letalidade policial no Rio de Janeiro sob a gestão do então governador Cláudio Castro. Outras medidas impostas foram restrições a operações policiais e uso de câmeras corporais para agentes em serviço.

A proposta entregue ao STF estabelece diretrizes para retomar áreas controladas por facções do tráfico e milícias por meio de ações integradas de segurança pública e políticas sociais. E prevê uma fase piloto com etapas que incluem mapeamento dos territórios, operações policiais e presença permanente do Estado, com serviços públicos e investimentos urbanos em três comunidades da Zona Oeste, no chamado “Cinturão de Jacarepaguá”: Gardênia Azul, Rio das Pedras e Muzema.

Os debatedores observaram que, apesar das críticas apontadas, o documento tem avanços. “O plano é bastante razoável, ele pensa a questão da segurança pública de forma integrada e intersetorial, pensando também em políticas sociais e urbanas. Nem parece que foi feito pelo

mesmo governo que prioriza as operações policiais letais no combate aos grupos armados”, pontuou a professora Carolina Grillo. Na mesma linha, Itamar Silva registrou sua desconfiança: “O plano é muito bem escrito, muito bem elaborado, parece uma tese de doutorado. Mas não reflete em nada a atual política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro”. Para Marcelo Burgos, professor do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio, que coordenou o debate, é preciso que as críticas sejam levadas aos candidatos ao governo do Rio de Janeiro em outubro: “Foi feita uma análise criteriosa desse plano pelos especialistas da Rede, que tem entre seus objetivos estimular o debate público sobre segurança pública. Se isso não for feito, essa proposta entregue ao STF corre o risco de ficar só no papel”.

O professor Ignacio Cano fez coro: “O plano é tecnicamente bom. Tão bom que a gente se pergunta se ele foi feito para ficar no papel. Mas tem algumas lacunas”, disse. “O plano não diz como a PM vai intervir para recuperar territórios, nem como a Polícia Civil vai investigar para desarticular as redes de extorsão. Não diz como lidar com a corrupção policial. São questões centrais. Os candidatos ao governo do Rio têm que se posicionar em relação a esse plano”.

#OrgulhoDeSerUFRJ

# “A REVOLUÇÃO CUBANA ESTÁ PRATICAMENTE DESMONTADA POR UMA QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA”

JOÃO LAET



ALEXANDRE MEDEIROS  
comunica@adufrj.org.br

**A**dramática situação de Cuba, agravada pelo recrudescimento do bloqueio norte-americano sob o segundo mandato de Donald Trump, e a corrente de solidariedade ao regime e ao povo caribenhos foram os principais temas da palestra de Frei Betto, um dos mais destacados intelectuais do país, em 30 de abril, no

Centro de Tecnologia, no Fundão. O encontro foi organizado pela AdUFRJ, em parceria com o Sintufrj, o DCE Mário Prata e a APG/UFRJ.

“Cuba vive uma crise terrível. Não tem energia, não tem gás, muitas pessoas estão usando lenha para cozinhar”, descreveu Frei Betto. Segundo ele, o bloqueio imposto pelos Estados Unidos em 1962 foi intensificado desde que Donald Trump assumiu a presidência, em janeiro do ano passado. “Trump incluiu Cuba na lista de países patrocinadores do terrorismo, e isso fechou todo o siste-

ma bancário internacional ao país, prejudicando importações e exportações”, exemplificou o escritor.

Frei Betto destacou que cresce em todo o mundo um sentimento de solidariedade a Cuba: “O Brasil tem ajudado muito, com medicamentos, alimentos. Estamos introduzindo lá um sistema de captação de água das chuvas, por exemplo. Temos que ampliar essa corrente solidária”.

A presidenta da AdUFRJ, professora Ligia Bahia, fez coro com Frei Betto e anunciou uma iniciativa imediata: uma campanha de arrecadação de recursos

para a compra de medicamentos, batizada de UFRJ 100 mil. “É importante que a gente consiga arrecadar esses R\$ 100 mil, e espalhar essa campanha para trazer mais pessoas e instituições para ajudar, vamos criar uma onda”, defendeu Ligia Bahia. A iniciativa ainda está em estudo, e prevê a arrecadação de doações em dinheiro via PIX, em faixas que vão de R\$ 10 a R\$ 200.

**Leia a seguir os principais trechos da palestra. A íntegra pode ser vista no canal da TV AdUFRJ, no Youtube.**

## JUVENTUDE

Desde os 13 anos eu já tinha uma cabeça de esquerda, por ser da juventude católica, que, assessorada pelos frades dominicanos em Belo Horizonte, já nos dava uma formação bem progressista. Atuávamos na política estudantil, com a juventude comunista. Isso nos fez torcedores da Revolução Cubana de 1959. Mas eu nunca imaginei a possibilidade de ir a Cuba, pelos fatores decorrentes do golpe de 1964, em que o Brasil, inclusive, rompeu relações com Cuba.

## REVOLUÇÃO SANDINISTA

Em 1979, eu fui a Costa Rica e tive contato com guerrilheiros sandinistas da Nicarágua, por meio do poeta Ernesto Cardenal. Naquele ano, eu convidei o Cardenal e o padre Miguel d’Escoto para o primeiro congresso da Associação dos Teólogos do Terceiro Mundo, em São Paulo. O d’Escoto veio ao congresso, em janeiro de 1980, com o Daniel Ortega, o que criou um problema diplomático. Ortega acabara de liderar uma revolução, era presidente da Nicar-

gua, e o Brasil estava de nariz torcido para a Revolução Sandinista, porque a considerava uma continuação da Revolução Cubana. Ortega entrou como turista, e não como chefe de Estado. A Polícia Federal ofereceu segurança para ele, para saber quais contatos ele teria aqui. Em julho de 1980, eles convidaram três pessoas do Brasil para o primeiro aniversário da Revolução Sandinista: Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal de São Paulo, Lula e eu. Dom Paulo não pôde ir, então eu fui com o Lula.

## PRIMEIRO ENCONTRO COM FIDEL

Nessas comemorações, houve uma recepção para o Fidel Castro, e fomos eu e Lula. Às duas da madrugada, o padre d’Escoto nos convidou para conversar com o Fidel na biblioteca. Entramos às duas da madrugada, saímos às seis da manhã. A primeira pergunta que eu fiz a ele foi por que o Estado e o partido de Cuba eram confessionais. Ele levou um maior susto: “Como confessionais? Somos ateus”, ele disse. Eu

sabia que o Estado cubano era oficialmente ateu, e o partido também. Disse a ele que afirmar ou negar a existência de Deus é mera confessionalidade, e que o Estado e o partido não podem ser confessionalizados, tinham deram conta do grande erro que a esquerda de tradição stalinista cometeu de considerar que, para ser comunista ou para ser socialista, tinha que ser ateu. Os camponeses e operários comunistas no Brasil mantinham a fé, como na União Soviética, onde o povo praticava a fé ortodoxa, e em Cuba. E para não se queimar, para não poder ser vetado em empregos, escondiam isso.

#OrgulhoDeSerUFRJ

## CONVITE DO COMANDANTE

A segunda pergunta que fiz foi sobre a relação da Revolução com a Igreja Católica. Eu sabia que era muito tensa, porque a Igreja Católica de Cuba era de formação franquista, da ditadura de Franco na Espanha, um clero e um episcopado muito reacionários, anticomunistas, e ligados aos Estados Unidos. Antes que ele me respondesse, eu citei três hipóteses. A primeira é que a Revolução perseguia a Igreja Católica. A segunda é que a Revolução era indiferente à Igreja Católica. E a terceira é que, sendo a Igreja Católica uma das instituições do povo cubano, a Revolução dialogava com ela. Então Fidel me disse que há 16 anos ele não recebia um bispo cubano, e que a atitude correta seria dialogar, e me pediu para ajudá-lo nisso. Eu disse que estava disposto. Fidel disse: “Então vamos cuidar disso”.

## PRIMEIRA VIAGEM A CUBA

No ano seguinte eu fui a Cuba pela primeira vez, em 1981, e consegui fazer uma reunião com toda a Conferência Episcopal Cubana. Uma reunião extremamente tensa. Eu coloquei para eles a conversa e a proposta de Fidel, e eles começaram a discutir entre si, com mil fantasmas, que eu estava sendo manipulado, isso e aquilo, até que finalmente aceitaram conversar. Então, durante dez anos eu trabalhei na reaproximação entre a Revolução e a Igreja Católica.

## A ENTREVISTA

Em 1985, o Fidel marcou de me dar uma entrevista. Em maio, eu fui para Havana. Quando cheguei, ele me chamou e delicadamente me disse que não poderia me dar a entrevista porque os contrarrevolucionários cubanos de Miami acabavam de inaugurar o rádio José Martí. Eu insisti, tinha preparado 64 perguntas. Na última tentativa, comecei a ler as perguntas. Quando cheguei na quinta, ele falou: “Amanhã iniciamos”. Qual a minha interpretação? Quando ele viu que eu estava perguntando como era a formação religiosa, como é que era a fé da mãe dele, do pai dele, a catequese, ele se entusiasmou. A entrevista foi traduzida em 23 idiomas.

## IMPACTOS DA ENTREVISTA

Foi a primeira vez na história que um chefe comunista no poder falou positivamente da religião. Isso foi uma grande revolução, inclusive pela crítica que o Fidel faz à interpretação leninista e stalinista da famosa frase de Marx e Engels: “A religião é o ópio do povo”. A entrevista teve muito impacto no mundo socialista, que estava desabando na Europa. Eles se deram conta do grande erro que a esquerda de tradição stalinista cometeu de considerar que, para ser comunista ou para ser socialista, tinha que ser ateu. Os camponeses e operários comunistas no Brasil mantinham a fé, como na União Soviética, onde o povo praticava a fé ortodoxa, e em Cuba. E para não se queimar, para não poder ser vetado em empregos, escondiam isso.

## PAULO FREIRE

Percebi que em Cuba havia três nomes proibidos: Freud, Trotsky e Paulo Freire. E eu pensei: como Paulo Freire? Se há alguma dívida que nós todos na América Latina temos com Paulo Freire é um cara como Lula ser presidente pela terceira vez. Quando me perguntam no exterior como é que explica esse fenômeno, num país tão elitista como o Brasil, eu falo: vocês têm que ler Paulo Freire. Foi ele que resgatou a autoestima dos oprimidos e eles se assumiram como protagonistas. Até então a esquerda, vanguarda do proletariado, era dirigida pela intelectualidade. E quando o proletariado resolveu criar seu próprio partido foi uma indignação na esquerda brasileira. Ficaram enciumados porque um grupo de sindicalistas resolveu fundar um partido que está aí até hoje, o PT.

## EDUCAÇÃO POPULAR

Fidel acabou lendo Paulo Freire e se convenceu da importância dele. Eu nunca trabalhei com educação formal, trabalho com educação popular. Como enfiar educação popular, o método Paulo Freire, na escola formal? Você pode enfiar pequenos ingredientes, mas estruturalmente é como querer pôr um elefante na caixa de fósforos. A Nicarágua sandinista tentou, não conseguiu. Por quê? Porque o timing dos alunos não é o mesmo. Você não pode ter ano letivo. Não existe isso no método Paulo Freire. O João, que é camponês, ele vai fazer o primeiro grau em três anos, porque ele tem que conciliar o estudo com o trabalho. Mas a Maria, que é filha de um comerciante que tem recursos, ela pode fazer até em seis meses, porque ela não precisa trabalhar. Aí o Fidel propôs organizar em Cuba um encontro latino-americano de educação popular. Nenhum cubano participou do encontro, pelo preconceito a Paulo Freire. Dois anos depois, fizemos o segundo encontro. Os cubanos assistiram, não participaram. Só



“**Há desigualdade gritante, há pobreza, mas ainda não a ponto de haver miséria. O cubano não come o que gostaria, come o pouco que dispõe, com muita dificuldade, com falta de energia, falta de gás. Tem gente cortando a árvore do quintal de casa para poder fazer fogo e cozinhar.**”

no terceiro encontro eles participaram. E aí se fundou em Cuba uma instituição que existe até hoje, à sombra da Igreja Batista, chamado Centro Martin Luther King de Educação Popular.

## TRABALHO EM CUBA

Desde 2019 eu trabalho em Cuba pela FAO no Projeto de Soberania Alimentar e Educação Nutricional (Plan San). Nunca fui a Cuba a turismo, sempre vou a trabalho. Toda família cubana recebe uma cesta básica mensal. Agora, com a assessoria do Ministério de Desenvolvimento Social do Brasil, estamos fazendo o cadastro único em Cuba, como há aqui, para poder retirar a cesta básica daqueles que já são classe média ou até um pouco elite, por causa da introdução de iniciativa privada crescente na economia cubana, e poder reforçar a cesta básica daqueles que são mais vulneráveis.

## ECOS DA REVOLUÇÃO

A Revolução Cubana foi feita para beneficiar toda a população, e não uma elite, e não uma classe. É o único país da América Latina que garante a toda a população os três direitos humanos fundamentais: alimentação, saúde e educação. Cuba hoje vive uma crise terrível, a revolução está praticamente desmontada

por uma questão de sobrevivência e urgência. Há desigualdade gritante, há pobreza, mas ainda não a ponto de haver miséria. O cubano não come o que gostaria, come o pouco que dispõe, com muita dificuldade, com falta de energia, falta de gás. Tem gente cortando a árvore do quintal de casa para poder fazer fogo e cozinhar.

## BLOQUEIO NORTE-AMERICANO

O bloqueio foi decretado em 1962, pelo ódio do Kennedy, porque Cuba expropriou várias empresas norte-americanas que exploravam o povo cubano. A revolução não foi feita para ser socialista, foi feita para ser uma revolução de libertação nacional. No grupo do iate Granma, que levou os guerrilheiros do México para Cuba, só havia uma pessoa verdadeiramente marxista, que era o Che Guevara. Os outros tinham o ideal de libertação nacional inspirado, não em Lenin ou Mao Tse Tung, mas em José Martí, pelas lutas de libertação que Cuba teve. Na Guerra Fria, Cuba passou a ser tutelada pela União Soviética, porque, senão, a revolução fracassaria. Hoje, quando me perguntam se eu acho que os Estados Unidos vão invadir Cuba, eu digo que não. Um país que foi tão agredido durante tantas décadas, evidentemente se preparou para uma agressão. O Trump, no primeiro mandato, estabeleceu 243 novas medidas para o bloqueio, e incluiu Cuba na lista de países patrocinadores de terrorismo. Isso significa fechar todo o sistema bancário internacional aos trâmites de importação e exportação. Cuba precisa fazer muitos negócios porque o país hoje importa 80% dos alimentos que consome.

## SOLIDARIEDADE

Como é que a gente faz solidariedade a Cuba hoje? Primeiro: denunciar o bloqueio. Não usem a palavra embargo. Embargo é algo palatável pelo direito internacional. Bloqueio é crime. Segundo: turismo político para Cuba. Está se preparando uma grande caravana para agosto, nos 100 anos de nascimento de Fidel, que nasceu em 13 de agosto de 1926. Terceiro: enviar remédios. Aí você tem duas maneiras. Se você vai viajar, leve uma mala de remédios. Eu já levei muitas vezes. O MST, através do Instituto Cultivar, está mandando medicamentos para Cuba. Consegui acordo com laboratórios para comprar no mesmo preço que o farmacêutico compra, estão colocando em aviões e mandando para Cuba em grande escala.

## TECNOLOGIAS DA TERRA

Cuba é o único país agricultável do Caribe. Mas a Revolução propiciou ao filho do camponês ir para a universidade. O filho do camponês foi para a universidade e não voltou para a terra. Ele virou médico, físico, economista, professor e foi para

**JOSUÉ MEDEIROS**

Cientista político e professor da UFRJ e do PPGCS da UFRRJ. Coordena o Observatório Político e Eleitoral (Opel) e o Núcleo de Estudos sobre a Democracia Brasileira (Nudeb)

# ÁUDIO DE FLÁVIO BOLSONARO PARA DANIEL VORCARO É O EVENTO MAIS IMPORTANTE DA ELEIÇÃO DE 2026

**E**leições são marcadas por tendências permanentes — por exemplo, a tendência das mulheres de votar em Lula e dos homens de votar em Bolsonaro —, mas também por eventos disruptivos que mexem com estas tendências. Por exemplo, em 2018, dois eventos foram decisivos para o resultado eleitoral: a prisão injusta de Lula, que retirou da disputa o candidato que liderava todas as pesquisas; e o atentado sofrido por Bolsonaro, que permitiu a ele uma super exposição na mídia e uma comoção favorável.

É neste último sentido — de eventos disruptivos — que o áudio de Flávio Bolsonaro para Daniel Vorcaro, revelado na quarta-feira (13), pelo portal de notícias Intercept, deve ser interpretado. A divulgação da troca de mensagens cai como uma bomba para o bolsonarismo. Não apenas porque traz o filho de Bolsonaro para o centro do escândalo do banco Master, consolidando a ideia de BolsoMaster já trabalhada pela esquerda. Mas também porque a pesquisa Quaest, publicada em 13 de maio, apresentou uma tendência de crescimento de Lula consistente. Tal tendência será impulsionada pelo vínculo entre Flávio e Vorcaro e vai marcar um novo momento da campanha presidencial de 2026.

Começando pela pesquisa Quaest. As boas notícias que o levantamento traz resultam de dois eixos: os movimentos concretos que o governo Lula tomou no curto prazo e aquilo que o presidente chama de “colheita” do que foi feito desde 2023, no âmbito das políticas públicas e reconstrução da democracia.

No curto prazo, dois elementos foram centrais: o lançamento do novo Desenrola e a reunião de Lula com o presidente dos EUA, Donald Trump. O novo programa de renegociação



**“Não devemos descartar nem mesmo uma substituição de Flávio na candidatura presidencial. O nome de Michelle Bolsonaro ganhará força, diante da atuação dela junto às mulheres e ao eleitorado evangélico. Porém, dificilmente a esposa de Bolsonaro conseguirá se desvincular da consolidação do BolsoMaster, com sua família envolvida até o pescoço por centenas de milhões de reais com o banqueiro Daniel Vorcaro”**

das dívidas dos brasileiros e brasileiras gera um impacto imediato no humor do eleitorado. As pessoas não apenas se sentem aliviadas por resolverem pendências financeiras, mas sentem que há um movimento concreto do governo para cuidar delas. Esse sentimento de proteção e acolhimento se conecta diretamente

com a dimensão carismática do presidente Lula, que ultrapassa os recortes de direita e esquerda e de conservadores e progressistas dentro do eleitorado.

A reunião com Trump bate no mesmo lugar do carisma, só que pela chave da altivez e da negociação. Ao receber elogios públicos de Trump — percebido pela população brasileira em várias pesquisas como agressivo e contrário aos interesses nacionais —, Lula reforça e atualiza a imagem de líder capaz de posicionar o Brasil no plano internacional de modo positivo. O povo brasileiro nutre um nacionalismo popular que projeta o Brasil como um país que merece destaque na ordem global, e Lula alimenta e é alimentado por esse sentimento nacionalista.

É no sentido do reforço da capacidade de Lula em cuidar das pessoas e do Brasil que a pesquisa Quaest deve ser lida. A diferença entre desaprovação (49%) e aprovação (46%) do presidente diminuiu de 9% para apenas 3%. É a menor diferença desde fevereiro de 2026.

Outros dados da Quaest confirmam essa direção: o número de pessoas que considera que o país vai na direção errada caiu de 58% para 53%, bem acima da margem de erro. Já a quantidade de pessoas que entende que o Brasil está na direção certa subiu de 34% para 38%, também bem acima da margem de erro. O total do eleitorado que vê mais notícias negativas do que positivas sobre o governo caiu de 48% para 43%, acima da margem de erro. E as pessoas que veem mais notícias positivas do que negativas sobre o governo Lula subiram bem acima da margem de erro, de 23% para 32%, um aumento de 9 pontos percentuais.

Nas intenções de voto, Lula cresceu na espontânea de 19% para 22%. Já Flávio passou de 13% para 14%. Quanto aos números no cenário estimulado no 1º turno, Lula passou de 37% para 39%. Já Flávio oscilou de 32% para 33%. Esses dados olhados em conjunto indicam que Lula começa a recuperar eleitores que ao final de 2025 declaravam voto nele, enquanto Flávio pega votos dos outros candidatos de direita, mas não de Lula.

**BOLSOMASTER**

É nesse contexto positivo para o governo Lula e negativo para a oposição que surge o áudio de Flávio Bolsonaro para Vorcaro. De acordo com a denúncia, o filho de Bolsonaro pediu R\$ 134 milhões ao banqueiro para financiar um filme em favor de seu pai, condenado e preso pela tentativa de golpe de Estado de 8 de janeiro de 2023. Na conversa, Flávio falou para Vorcaro: “Estou e estarei sempre contigo”.

A mensagem de voz é devastadora para Flávio Bolsonaro. É provável que mesmo com o áudio ele mantenha um alto percentual de votos, pois o eleitorado bolsonarista já mostrou fidelidade ao clã Bolsonaro. Porém, é virtualmente impossível que ele mantenha o atual patamar, uma vez que não tem nem a máquina do Estado — que Bolsonaro tinha em 2022 —, nem o carisma do pai, fundamental na eleição de 2018.

Haverá um crescimento da dispersão de votos da direita entre os demais candidatos deste campo, especialmente Romeu Zema, do Novo, e Ronaldo Caiado, do PSD, mas também Rennan Santos, do Missão. Além disso, haverá um aumento das disputas internas da extrema direita, como a que vem ocorrendo entre Ricardo Salles e Eduardo Bolsonaro pela vaga na chapa para o Senado de Tarcísio de Freitas, ou os conflitos entre o filho de Bolsonaro foragido nos EUA e o deputado federal Nikolas Ferreira.

Diante desse cenário, não devemos descartar nem mesmo uma substituição de Flávio na candidatura presidencial. O nome de Michelle Bolsonaro ganhará força, diante da atuação dela junto às mulheres e ao eleitorado evangélico. Porém, dificilmente a esposa de Bolsonaro conseguirá se desvincular da consolidação do BolsoMaster, com sua família envolvida até o pescoço por centenas de milhões de reais com o banqueiro Daniel Vorcaro.